

Metáforas da Covid-19 e o medo do estrangeiro no Facebook Brasil

Covid-19's metaphors and fear of foreigners on Facebook Brazil

Marcela Tessorolo

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
marcela.tessorolo@gmail.com

Fábio Malini

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
fabiomalini@gmail.com

Joana Ziller

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
joana.ziller@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por cartografar as metáforas da doença (Sontag, 1988), que emergem no surgimento de uma enfermidade, a partir dos atores e das narrativas que mais circularam na eclosão da Covid-19, no Brasil. Para isso, coletamos na ferramenta CrowdTangle as palavras “China and Wuhan”, em perfis públicos no Facebook Brasil, de 20 a 29 de janeiro de 2020, período de repercussão da eclosão da doença no Brasil, com primeiros casos surgidos em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Partimos de revisão bibliográfica sobre o medo, afeto comum no surgimento de outras enfermidades. Verificamos que as metáforas da doença (Sontag, 1988) que surgiram em janeiro de 2020 eram as narrativas que apontavam para o surgimento de um vírus misterioso, o “vírus chinês”, que podia estar correlacionado aos hábitos alimentícios estranhos do país. O sentimento anti-China, já existente anteriormente, foi potencializado na sociedade da

Abstract

This article aims to map the illness metaphors (Sontag, 1988) that arise during the onset of an illness based on the actors and narratives that circulated most during the outbreak of COVID-19 in Brazil. To achieve this, we collected the words “China” and “Wuhan” using the CrowdTangle tool from public pages on Facebook from January 20 to 29, 2020, the period of the disease’s outbreak backlash in Brazil, which had its first cases emerge in December 2019 in Wuhan, China. We started with a bibliographical review on fear, a common effect in the emergence of other illnesses. In the empirical part, we found that the illness metaphor (Sontag, 1988) that emerged in January 2020 was a narrative that pointed to the emergence of a mysterious virus, the “Chinese virus,” which could be correlated to the country’s strange eating habits. Thus, previously existing anti-China sentiment was heightened in the platform society (Van Dijck, Poell, Waal) in the first month of the spread of COVID-19 in the

plataforma (Van Dijck, Poell, Waal, 2018) e foi fomentado pela imprensa brasileira, principal ator do período.

world and was fomented by the press, the main actor in the period.

Palavras-chave: Medo; Facebook; Covid-19; vírus chinês.

Keywords: Fear; Facebook; Covid-19; Chinese virus

Introdução

Historicamente, o surgimento de uma doença vem acompanhado de metáforas, estereótipos e fantasias, e faz surgir todo um léxico sobre a enfermidade. Na opinião de Sontag (1988), é necessário expurgar o pensamento metafórico, desmistificá-lo, maneira mais fidedigna e saudável de enfrentar a doença (Sontag, 1988).

Para Sontag (1988), “a doença não é uma metáfora”, mas, ao mesmo tempo, observa que é quase impossível o doente não ter sido influenciado anteriormente pelas metáforas que rondam as enfermidades e os discursos que culpabilizam os pacientes pelas suas patologias. A tuberculose, no século XIX, por exemplo, era doença desconhecida, sem tratamentos eficazes, sem cura e rodeada de mistérios e temores. Um diagnóstico de tuberculose era como uma sentença de morte. Muitos não nomeavam a doença por medo de ela se espalhar mais rápido (Sontag, 1988).

Sontag (1988) traça comparativos entre a tuberculose e o câncer, por ambas consumirem o corpo e tipologicamente serem descritas como inchaço, caroço, protuberância. Com a descoberta da causa e de tratamentos eficazes contra a tuberculose, o câncer passou a representar este papel, que só deixará de ser desempenhado após se determinar suas causas e cura com tratamentos eficazes

Anos mais tarde, a autora também estudou a *Aids* e suas metáforas e ponderou que o câncer perdeu parte do seu estigma por causa do surgimento da *Aids*, que estigmatiza muito mais os pacientes (Sontag, 1988). A *Aids* é encarada como o câncer, “como uma invasão, uma síndrome, com uma lista infundável de doenças oportunistas. Quando o que está em foco é a transmissão da doença, invoca-se uma metáfora mais antiga, que lembra a sífilis: a da poluição” (Sontag, 1988, p. 53).

Na *Aids*, atribui-se culpa ao doente. Não estamos falando de uma doença misteriosa, que escolhe suas vítimas aparentemente de forma aleatória, mas de pessoas que fazem parte de “grupo de risco”, uma “comunidade de párias”. Em um primeiro momento, homossexuais masculinos foram o grupo de risco mais atingido nos Estados Unidos, o que expôs e isolou os doentes, que sofreram com discriminações e perseguições” (Sontag, 1988).

Para Bessa (1997; 2002), a epidemia da *Aids* foi biológica e também discursiva. Diante da falta de sentido de uma doença recém-descoberta, a mídia deu uma primeira instância de significação da doença: “câncer gay”, “grupos de risco” e até mesmo “teorias conspiratórias da criação de um vírus mortal” (esta última, atribuída às forças militares dos Estados Unidos).

No surgimento da *Aids*, circulava a narrativa de que o vírus foi criado para reduzir a taxa de natalidade na África, mas se tornou incontrolável e se propagou por todo o mundo, por causa de missionários homossexuais norte-americanos. “No Zaire e em outros países da África central, muitos médicos,

professores, jornalistas, funcionários do governo e outras pessoas instruídas acreditam que o vírus foi enviado para a África pelos Estados Unidos, num ato de guerra bacteriológica” (Sontag, 1988, p. 69).

Dessa forma, público qualificado, como a imprensa, médicos e funcionários públicos, ajudaram a propagar a metáfora da *Aids* como “peste gay”, cujo vírus foi criado como guerra bacteriológica. Seguiu-se ainda, em todo o mundo, a anunciada catástrofe iminente, com número de infectados, mortos e estatísticas especulativas divulgadas na imprensa.

Décadas depois, em 2020, no cenário de surgimento de nova doença, a Covid-19, interessa-nos cartografar as metáforas da doença, a partir das narrativas nas *timelines* discursivas do Facebook Brasil, que surgem em sua genealogia, em 2020. As *timelines* discursivas são as variações discursivas no tempo, os diferentes enquadramentos temáticos de opiniões e conversações públicas, que vão variando ao longo do tempo (Malini et al., 2020).

Mapeamos as narrativas públicas e suas teias de sentidos no Facebook sobre a Covid-19, por meio da cartografia das controvérsias. Buscamos entender a sociologia do comportamento dos indivíduos, inspirados pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), que põe em conexão atores humanos e não-humanos nas redes, e a cartografia das controvérsias, conceito revigorado por Venturini (2010). Controvérsias são situações “onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e a mais diversa seleção de atores está envolvida; onde as alianças e oposições se transformam sem muita prudência; onde nada é tão simples quanto parece; onde todos estão gritando e brigando (Venturini, 2010, p. 262).

Compreendemos, por meio de observação sistemática, como a “formação do social” sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil se estabeleceu a partir das possibilidades de uso do Facebook. Coletamos na ferramenta CrowdTangle as palavras “China and Wuhan”, em páginas públicas, grupos públicos, perfis verificados e contas públicas influentes no Facebook, de 20 a 29 de janeiro de 2020, período de repercussão da eclosão da doença, com primeiros casos surgidos em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. As palavras coletadas foram escolhidas pela possibilidade de serem utilizadas por todos os grupos que disputavam narrativas no Facebook.

A CrowdTangle é uma ferramenta do Facebook que disponibiliza “insights públicos”, e ajuda a “seguir, analisar e relatar” conteúdo público do Facebook, Instagram e Reddit (Bleakley, 2020). A CrowdTangle disponibiliza o material em planilha .csv, em ordem decrescente, a partir das interações obtidas (soma das reações, comentários e compartilhamentos). Na planilha disponibilizada para análise dos dados, há a data da postagem, seu conteúdo (imagens, textos e vídeos), ator da postagem (desde que o conteúdo seja oriundo de página, conta ou grupo público) e a quantidade de interações (número de curtidas, comentários e compartilhamentos).

Após coletar os dados, o script Ford, desenvolvido no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Brasil, nos mostra as palavras mais usadas no *dataset* e libera arquivos em formato .gdf, que permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo de código aberto Gephi . A partir desse programa, cartografamos as 150 narrativas e atores com mais interações, por meio da planilha. Os dados foram analisados e visualizados em formato de grafos com as informações coletadas, tornando possível descobrir como a rede se comportava.

O Facebook foi a plataforma escolhida porque foi a mais usada pelos brasileiros para se informar no ano do início da pandemia da Covid-19, segundo o Digital News Report 2020, do Reuters Institute. Pela primeira vez, a pesquisa mostrou que o meio on-line, incluindo as plataformas de mídias sociais (87%), superou a televisão (66%) na preferência dos brasileiros na busca por notícias. O Facebook (54%) foi a plataforma mais usada no Brasil para se acessar notícias.

Nossa intenção não é pontuar a totalidade dos acontecimentos, mas jogar luz às metáforas da doença que foram se configurando a partir da timeline discursiva do período. Como o medo do outro, do estrangeiro, foi afeto comum no surgimento de outras enfermidades, antes da parte empírica, faz-se necessária revisão teórica acerca do medo.

Medo do outro

Há muitos afetos envolvidos no surgimento de uma nova doença, como a Covid-19. Cada pessoa é afetada de maneiras diferentes. Por isso, partimos do filósofo Espinosa (1632-1677), referência em afetos. Espinosa (2016) define afetos como algo natural aos seres humanos, “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Espinosa, 2016, p. 49), afetando e sendo afetado.

Espinosa (2016) traz a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários, dos quais derivam todos os outros. Interessam-nos, principalmente, o afeto medo. O medo como afeto é derivado da tristeza, oposto e interdependente da esperança. O afeto medo refreia, reduz a potência de agir do corpo. Com medo, o ser humano se deixa dominar pela superstição, é afeito às coisas incertas, como ocorreu na genealogia de doenças como tuberculose, câncer, *Aids* e Covid-19. Já a esperança estimula, aumenta a potência de agir do corpo. Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes, na medida em que “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança” (Espinosa, 2016, p. 65).

O medo é um afeto muito presente na história da humanidade. “Medo sempre e em toda parte” (Febvre, 2009, p. 351) dominava o cotidiano dos cidadãos que viveram na Europa do século XVI, início da Idade Moderna. Na época, o “medo, filho da ignorância” (Febvre, 2009, p. 349) era o sentimento dos cidadãos, em tempo dominado pela Igreja Católica, pela reverência ingênua às autoridades e pela crença no ouvir-dizer.

O ser humano era dominado pela ideia de um mundo cheio de espíritos, forças invisíveis, em uma visão mística do universo. Ainda não se buscavam as causas das experiências vivenciadas. A queda de um raio ou um eclipse, por exemplo, não eram um fenômeno natural, mas algo atribuído ao divino, um presságio. “Na trama de todas as vidas, natural e sobrenatural se entrelaçam perpetuamente, sem que ninguém se espante, nem se sinta pouco à vontade” (Febvre, 2009, p. 376).

Na cultura pré-moderna do medo, atribuíam-se os perigos e medos aos deuses ou à natureza, e a promessa de que a modernidade superaria essas ameaças com modernização e mais progresso (Bauman, 2012). Mas, na cultura do medo da segunda modernidade, as ameaças não podem ser atribuídas a Deus ou à natureza, mas pela própria modernização e progresso. Assim, a cultura do medo se estabelece no paradoxo de que “as instituições, que deveriam controlar, produzem incontabilidade” (Beck, 2006, p. 7). Dessa forma, “vivemos de novo numa era de temores” (Bauman, 2012, p. 7).

Na modernidade, organização social surgida na Europa no século XVII, possibilitou melhores condições de vida como nenhum outro período histórico, mas também trouxe um “lado sombrio”, perigoso e cheio de riscos. A modernidade é “um fenômeno de dois gumes” e, na contemporaneidade, suas consequências se tornaram mais radicalizadas e universalizadas. Dessa forma, vivemos em uma época de desorientação, em que não somos capazes de entender e controlar grande parte dos eventos que nos cercam (Giddens, 1991, p. 12-13).

“Vivemos em um mundo fora de controle. Não há nada certo além da incerteza” (Beck, 2006, p. 5). É a sociedade de risco, termo cunhado por Beck, (1997) que significa “a fase de desenvolvimento moderno em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais cada vez mais tendem a escapar das instituições para monitoramento e controle da sociedade industrial” (Beck, 1997, p. 5).

Para Beck (2011), as forças produtivas geram efeitos colaterais, que ameaçam a vida dos seres humanos, animais e plantas. O risco já não é mais limitado a uma região ou grupo social, mas onipresente, globalizado e independente de classes. Muda-se a lógica, da sociedade industrial, de distribuição de riquezas e de escassez para a lógica da distribuição de riscos e potenciais auto ameaças. Um exemplo é a Covid-19, que rapidamente se propagou globalmente.

Nesse contexto da sociedade do risco, se tomarmos o medo e a esperança como afetos coletivos, podemos afirmar que talvez nunca tenha existido no mundo um desequilíbrio tão grande entre o medo e a esperança (Santos, 2021). “A grande maioria da população do mundo vive dominada pelo medo. Pelo medo da fome, da guerra, da violência, da doença, do patrão, da perda do emprego ou da improbabilidade de encontrar emprego, da próxima seca ou da próxima inundação” (Santos, 2021, p. 255).

O medo é inato ao ser humano e é a palavra que define a nossa incerteza diante ou não de um risco (Bauman, 2012). Toda criatura viva, para Bauman (2012), conhece o “medo original, o medo da morte”, experiência que os seres humanos dividem com os outros animais. Na presença de uma ameaça à vida, ambos oscilam entre fuga e agressão, graças ao instinto de sobrevivência.

Bauman (2012) propõe que os humanos vão além e conhecem um medo social e cultural que modela seu comportamento, estando ou não diante de uma ameaça imediata. É o “medo de segundo grau”, “medo derivado” nas palavras de Hughes Lagrange (1996), autopropulsor, sentimento interiorizado de estar suscetível ao perigo, uma espécie de vestígio de experiências do passado, que norteia a conduta a partir da sensação de insegurança e vulnerabilidade. Pudera. Somente os seres humanos têm a consciência da morte como inevitável, mas enfrentam a tarefa cotidiana de sobreviver, mesmo diante desse conhecimento.

O medo da morte é o mais humano, constante, universal e o princípio de todos os medos, alicerçando a construção da história de todas as religiões e grande parte das obras da humanidade (Wolff, 2007). “Atrás do menor dos nossos medos reside justamente o maior deles – o do maior dos males, o medo da morte. [...] O medo da morte parece, então, estar presente em todos os medos” (Wolff, 2007, p. 22).

Importante descrever que o medo, para Wolff (2007), é uma emoção que nos afeta negativamente, nos é natural, um instinto de sobrevivência consciente causado pela ideia de um risco futuro, algo que potencialmente pode acontecer. Esse sentimento provoca um desconforto, uma “dor imaginária” pelo

receio do que pode ocorrer. Assim, o medo causa apreensão e assusta porque é construído na incerteza.

Na mesma linha de pensamento, Delumau (2006) pensa o medo como algo inerente ao ser humano, que tem na segurança uma necessidade estrutural, um símbolo da vida. Ao contrário, a insegurança é símbolo da morte. Não há medo sem a consciência do perigo, do risco e, por isso, Delumau (2006) acredita que, sem o medo alertando dos perigos sucessivos ao longo do caminho, nenhuma espécie teria sobrevivido.

O medo é uma reação de legítima defesa, descrita clínica e fisiologicamente como uma “emoção-choque, muitas vezes precedida de surpresa, provocada pela consciência do perigo iminente ou presente”, sendo “acompanhado de reações do organismo, de comportamentos somáticos e de modificações endócrinas” (Delumau, 2006, p. 27).

Delumau (2006) descreve que se os maiores perigos eram as catástrofes naturais, as epidemias, como já dissemos, desde a invenção das armas de fogo, no século XV, e a Revolução Francesa, no final do século XVIII, o ser humano passou a temer as guerras e, na contemporaneidade, o terrorismo com dimensões mundiais. “O medo se tornou o medo do próprio homem” (Delumau, 2007, p. 42), o medo do outro, o medo mais cultural que fragiliza indivíduos e coletividades. Mas isso não significa que o homem deixou de temer as catástrofes naturais e as epidemias, mas que passou a ter consciência de que o próprio ser humano tem a capacidade de perturbar a natureza e pode acabar com o mundo.

Nesse contexto, Bauman (2012) insere o mal como irmão siamês do medo. O primeiro aponta para o mundo exterior, enquanto o segundo revela o mundo interior, o “aqui dentro”. A partir de estudos de Neiman (2003) sobre o mal no pensamento moderno, Bauman (2012) diz que tememos o mal que o homem é capaz de fazer e que não somos capazes de controlar. Ao mesmo tempo, somos todos perigosos uns aos outros.

“O problema do mal é a força condutora do pensamento moderno” (Neiman, 2003, p. 15, epub). Para Neiman (2003), o terremoto de Lisboa, em 1775, foi a referência do mal para os europeus do século XVIII. Na contemporaneidade, enxergamos o mal como manifestação da crueldade humana, sendo Auschwitz seu exemplo extremo. Diante disso, Neiman (2003) argumenta que o terremoto que destruiu Lisboa não é o mesmo mal que matou milhões em campo de concentração. O equívoco seria usar a palavra “mal” para se referir a desastres naturais e à crueldade humana. Para a autora, o mal na contemporaneidade nos deixa impotentes e pode ser descrito como “atos absolutamente daninhos que não deixam espaço para justificativa ou explicação” (Neiman, 2003, p.15).

A partir de revisão teórica do mal na história da filosofia, a autora sugere que a separação do mal moral (provocados pelo homem) do mal natural (desastres da natureza), debate provocado a partir do Terremoto de Lisboa, ajuda a marcar o início do “moderno”. Neiman (2003) argumenta que parte do significado de modernidade se dá a partir do momento em que a sociedade tenta parar de culpar Deus e assume a responsabilidade pelas mazelas do mundo em que vive.

Nessa linha de pensamento, Delumau (2007) destaca que a consciência do mal moral, provocado pelo homem, e apontado por Neiman (2003), amplia o “medo do outro”. Um exemplo é o sentimento anti-China, que foi ampliado e potencializado por narrativas nas plataformas de mídias sociais, durante a pandemia da Covid-19. Muitos acreditavam e até diziam que o “vírus chinês” havia sido fabricado em

laboratório ou provocado pelos maus hábitos de higiene e de alimentação, como apontam comentários do *dataset* coletado do Facebook, a partir de postagens públicas, via CrowdTangle. Vemos um exemplo: “Pois é. A China tem uma dieta bem peculiar. Também os métodos de higienização e de vigilância sanitária deixam a desejar. Depois, espalham esses vírus e põe fim, ficam (mais) bilionários porque são rápidos para agilizar vacinas”.

Em escala mundial, o “medo cultural do outro” é a apreensão, a incerteza, provocada por pessoas com outro comportamento, língua, religião, costumes e práticas culturais, o que traz ameaça constante de “choque entre civilizações”. Para Delumau (2007, p. 46), “por todas essas razões, eles nos assustam e somos tentados a tomá-los como bodes expiatórios em caso de perigo” e “está na origem dos racismos de todos os tempos”. Afinal, o outro é culpado pelos atos daninhos, injustificáveis, como pondera Neiman (2003).

Na Europa medieval, assolada pelas pestes, a população buscava culpados, como estrangeiros, viajantes, cometas e fantasmas. “O movimento primeiro e mais natural era o de acusar outrem. Nomear culpados era conduzir o inexplicável a um processo compreensível. Era também pôr em ação um remédio, impedindo os semeadores de morte de continuar sua obra nefasta” (Delumau, 2009, p. 204).

Na pandemia da Covid-19, os chineses foram culpabilizados. O medo do estrangeiro aflorou desde a descoberta do vírus e foi alimentado por discursos, como o do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, aliado do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Trump ataca a China desde sua campanha, em 2015 (Horton, 2020).

Dessa forma, a metáfora do “vírus chinês” se alimentou de sinofobia já existente no imaginário sobre a China, vinculada a estereótipos e ideias inferiorizantes, potencializadas por teorias conspiratórias na Covid-19 (Jaworsky, Qiaoan, 2021; Schild et. al, 2020). Na contemporaneidade, a sinofobia combina dois elementos distintos: a China como país exótico, o “outro”, visto como inferior aos países ocidentais; e, por outro lado, a ameaça por causa de seu crescente poderio econômico, que pode desbancar o Ocidente (Urbano, Araújo & Melo, 2020). Importante pontuar que a China é o principal parceiro comercial do Brasil, desde o primeiro governo Lula, desde 2009 (Oliveira, 2009).

Teorias da conspiração e desinformação ampliaram uma imagem racista sobre o povo chinês, tido como repulsivo, comedor de animais silvestres (Sacramento, Morani, Chen, 2020). Conceitualmente, teorias da conspiração são ideias acusatórias, têm caráter especulativo, são inerentemente políticas e podem ser falsas ou não. Geralmente, contradizem as autoridades epistemológicas e quem acredita nessas crenças sem comprovação se justifica dizendo que há evidências (Uscinski, 2020). Dessa forma, as pessoas tomam como verdade crenças e opiniões que julgam serem corretas, ignorando os fatos, o que é chamado de pós-verdade (Uscinski, 2020).

Isso é preocupante, pois as teorias conspiratórias atuam para que a verdade seja suprimida a partir de “articulações obscuras de grupos poderosos que defendem seus interesses escusos em detrimento do interesse e bem-estar coletivos” (Aggio, 2021, p. 83).

Considerando isso, “podemos inferir que a desinformação tende, por um lado, a reforçar crenças já estabelecidas em seus interlocutores” (Ribeiro, Paes, 2021, p. 94). Cada pessoa é afetada de maneiras diferentes por uma narrativa, um fato. Na eclosão da pandemia da Covid-19, as teorias da conspiração estimularam o sentimento Anti-China já existente entre os brasileiros. Isso nos faz rejeitar notícias que contradigam nossas crenças, fazendo-nos agarrar a crenças e não aos fatos, o que podemos denominar de pós-verdade.

Vivemos na sociedade da desinformação, como considera Marshall (2017), termo proposto pelo autor após as eleições de Donald Trump, como presidente dos Estados Unidos, em 2016. Para Marshall (2017), as notícias falsas podem ser consideradas endêmicas na sociedade e fazem parte da experiência diária de todo cidadão, indo muito além das mídias sociais digitais.

A situação se agrava, uma vez que os atuais padrões de comunicação da contemporaneidade derivam do capitalismo de informação (Marshall, 2017), em que as Big Five (as cinco grandes são Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft) estão no topo das listas das empresas mais rentáveis do mundo.

Na sociedade da plataforma (Van Dijck, Poell, Waal, 2018), somos cada vez mais usuários das plataformas de mídias sociais digitais e seu controverso modo de funcionamento, porque “processos tecnológicos fora do controle de qualquer pessoa ou país - a convergência das mídias sociais, curadoria algorítmica de notícias, bots, inteligência artificial e análise de big data - criaram câmaras de eco que reforçaram nossos preconceitos (Benkler, Faris, Roberts, 2018, p. 4).

Nesse cenário, Van Dijck; Poell (2013) apontam quatro elementos da lógica das mídias sociais, que estão emaranhados com a mídia de massa, são elas: programabilidade, conectividade, datificação e popularidade. Por programabilidade, entendem-se códigos, dados, algoritmos, protocolos e o agenciamento dos usuários, que podem direcionar a programabilidade por meio de sua participação, mas também podem resistir e desafiar códigos e protocolos.

A conectividade permite a personalização de conteúdos, uma vez que se trata de uma formação mútua entre os atores envolvidos (plataformas, usuários, anunciantes etc.). A datificação possibilita a criação de técnicas de previsões e análises em tempo real.

Já a popularidade se refere à visibilidade, gerada por meio de curtidas, rankings e algoritmos. Esse item quer dizer que, quanto mais uma postagem gera engajamento, mais ela circula, segundo Van Dijck; Poell (2013). Podemos afirmar que a popularidade de uma postagem afeta a timeline discursiva

Diante disso, uma das formas dos seres humanos demonstrarem afetos na contemporaneidade é a partir das narrativas propagadas nas plataformas de mídias sociais. Assim, as metáforas na eclosão da Covid-19 foram amplamente propagadas na plataforma mais usada pelos brasileiros em 2020. A seguir, analisamos os atores e postagens com mais engajamento, portanto, as que mais circularam no período estudado.

A eclosão da Covid-19

“Vírus letal de Wuhan se espalha pela China”. Com sintomas parecidos com a de uma pneumonia, a nova doença começava a virar notícia no Brasil e ganhava manchetes da imprensa tradicional, como essa do El País Brasil, publicada em 20 de janeiro de 2020, que citamos. A referida reportagem foi

postada pelo jornal no Facebook e teve 533 reações, 57 comentários e 219 compartilhamentos. No *dataset* do nosso primeiro marco discursivo, de 20 a 29 de janeiro de 2020, figura na 168ª posição de conteúdos com maior interação, em um universo de 3.476 postagens.

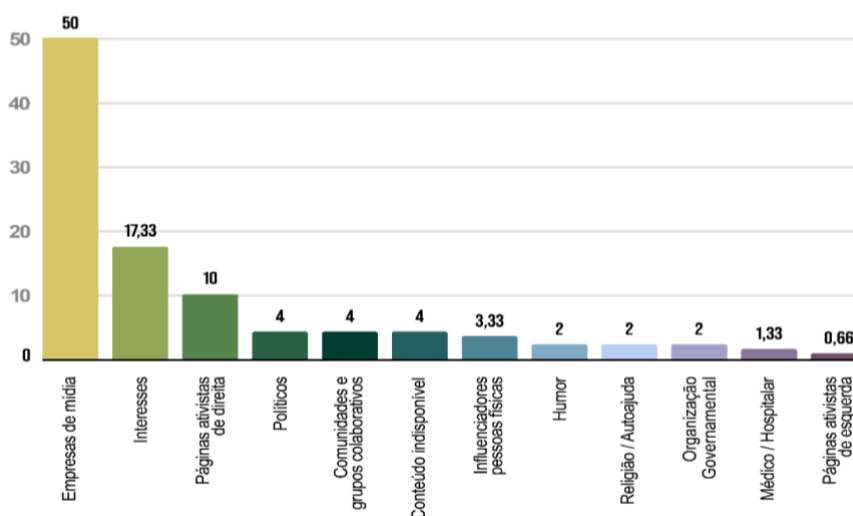
Isso porque, em 20 de janeiro de 2020, dia da primeira coleta de janeiro, a timeline discursiva já havia se deslocado da descoberta do vírus para ações de enfrentamento, como veremos mais abaixo. Na época, o misterioso vírus era algo distante do cotidiano dos brasileiros. Era algo chinês, iniciado em Wuhan, com primeiros casos surgidos em dezembro de 2019. Por aqui, no Brasil, tudo funcionava dentro dos parâmetros tidos como normais no país. Aulas de ensino a distância (EAD) eram uma questão de escolha. Máscaras faciais eram equipamentos de proteção, para alguns profissionais, e álcool 70 não era produto usual nas mesas, bolsas e mochilas.

Mas quais atores falavam sobre a Covid-19 neste período, no Facebook? Quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? Para responder a essas questões filtramos os 150 posts que tiveram maior performance no *dataset* de 20 a 29 de janeiro de 2020 e analisamos seus atores. Entramos manualmente no link de cada página e perfil para conferir como eles se autodefiniam, mas também realizamos análise de conteúdo e de estrutura fora das plataformas de mídias sociais para analisar e classificar cada um. O trabalho foi desafiador, pois encontramos páginas de Facebook, blogs e grupos colaborativos que emulam o formato consagrado do jornalismo profissional para propagar opiniões e crenças.

Das 150 postagens com mais interações do *dataset*, 50% dos atores se apresentam como empresas de mídia/notícias. Não acatamos todos os atores que se autodefinem como empresas de mídia. Essa categoria reúne, após nossa análise e classificação, a imprensa tradicional e páginas de Facebook que possuem sites de notícia, com formato profissional, e se apresentam como empresas de mídia. Aqui, também entram jornalismo de comunidades/bairros, por interesse de profissões e de estrangeiros que vivem no Brasil, como sites sobre notícias do Japão e da China.

Quadro 1- Análise dos atores de janeiro de 2020, divididos por categoria.

Atores



Fonte: Quadro criado pela autora, a partir de dados do CrowdTangle

Na análise de conteúdo que realizamos manualmente, classificamos 17,33% como páginas de conteúdos de interesse de certos grupos, como causa animal, história, corpo humano, música. Páginas de ativistas de direita, apoiadoras do presidente Jair Messias Bolsonaro e com conteúdos analisado que deixam claro a preferência política, são 10% do dataset. Políticos representam 4% da mostra. Comunidades, blogs e grupos colaborativos do Facebook também representam 4%. Como dissemos, esses espaços emulam o jornalismo tradicional. Em alguns, apenas os administradores da página podem postar. Em outros, todos os membros podem postar. Nessa categoria, estão classificados os espaços que dependem do Facebook ou de blogs com estruturas amadoras para propagar seus conteúdos.

Chamamos influenciadores as pessoas físicas, com destaque em suas profissões, que são 3,33% do *dataset* estudado e que possuem amplo número de seguidores. Humor, religião/autoajuda e organização governamental são categorias que estão empatadas com 2% cada um. Médicos e hospitais são responsáveis por 1,33%. Após leitura e análise do conteúdo, classificamos como página ativista de esquerda 0,66% do dataset. Vale salientar que 4% do conteúdo do *dataset* analisado estão indisponíveis.

Também lemos e analisamos as narrativas que circulavam nas postagens com mais interações. Nesse *dataset* de janeiro de 2020, as empresas jornalísticas se destacam como principal ator do período, em tautologia sobre a Covid-19, com os meios se repetindo sobre a temática.

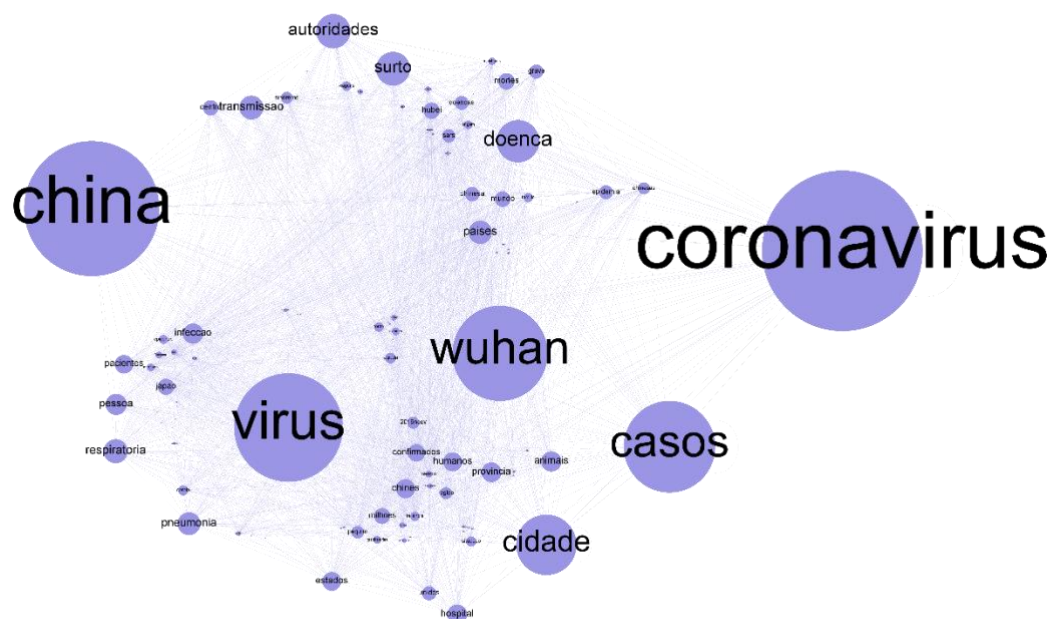
Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via script Ford, do Labic, que nos auxiliaram na análise das narrativas.

A análise das 150 palavras mais usadas possibilitou o entendimento de que a temática das narrativas girava em torno da eclosão de surto do vírus coronavírus, com casos em Wuhan, na China, o que forçava as autoridades a criar e construir hospitais para atendimento dos casos. Dessa forma, a timeline discursiva se desenrola a partir do surgimento da doença misteriosa e narrativas de atualizações com o desenrolar dos dias, dos novos casos, da construção de hospital, o aumento do número de doentes, as cidades em quarentena. Começam a surgir também narrativas falsas sobre o surgimento da doença, em possível transmissão por causa de sopa de morcego.

Para entender como esses termos se relacionam lexicalmente no nosso primeiro dataset, e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam nos arranjos textuais, elaboramos um grafo com as 150 palavras mais recorrentes nas postagens. Além das 150 palavras mais frequentes nas postagens filtradas, o grafo relaciona as 10 palavras mais associadas a cada uma dessas 150, apresentadas em uma teia de conexões entre todas as palavras associadas, visualizadas por meio de um grafo (representação matemática de relações entre entidades), formado por nós (palavras) e arestas (conexões do número de vezes que as palavras aparecem juntas nas mensagens).

Nas arestas, há um peso lexical que, no grafo, é representado pela largura das linhas entre elas. Quanto mais espessa a linha, mais intensa é a relação de uma palavra com a outra. Quanto maior é o tamanho da palavra, mais vezes ela foi usada nas postagens (Malini et al., 2020). Nosso *dataset* é formado por 403 nós e 9700 arestas.

Figura 2 - Grafo de rede de palavras, do cluster roxo, do dataset de janeiro de 2020.



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O grafo mostra as palavras coronavírus, China, Wuhan, vírus, casos, cidade, surto, autoridades e doença em destaque por elas se repetirem mais vezes no cluster estudado. Para além da análise de rede via grafo, lemos e analisamos todas as postagens e comentários mais relevantes das 150 postagens com mais interações.

No período analisado, o post com mais engajamento, que figura em primeiro lugar no *dataset* e faz parte do cluster roxo, foi uma reportagem do jornal O Globo, em 24 de janeiro de 2020. A publicação na página de O Globo no Facebook dizia “China constrói hospital com mil leitos como parte do esforço do país contra o novo coronavírus” e informava que “instalação está sendo erguida em Wuhan, cidade que está isolada e foi o epicentro da propagação do vírus” (O Globo, 2020). O texto destacava que a previsão era que, em 10 dias, a construção ficasse pronta para inauguração. A postagem teve 64 mil reações, 6,2 mil comentários e 20 mil compartilhamentos.

A maioria dos comentários da postagem com mais interações do *dataset* destacava a eficiência do país e comparava que, se fosse no Brasil, a obra demoraria anos. “Quase igual aqui no Brasil, a única diferença é que o prazo é de 10 anos para um hospital com 3 leitos. Superfaturado em 1 milhão de reais”, dizia uma postagem com 1,5 mil reações. Aqui, a timeline discursiva joga luz à potência chinesa, que é o principal parceiro econômico do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, comentários salientavam que os trabalhadores chineses eram explorados em jornadas de 12 horas de trabalho, não tinham férias e eram mão de obra barata para o mundo, narrativas que destacavam as diferenças dos direitos dos trabalhadores entre os países.

Também notamos o início das “teorias conspiratórias”, em comentários nas postagens: o “vírus misterioso” era possivelmente uma “arma biológica”, da China ou dos Estados Unidos, criado

propositalmente para “espalhar esses agentes vivos”. As aspas nas palavras acima indicam trechos de alguns comentários no Facebook. Como no surgimento da Aids, teorias da conspiração sobre a origem do vírus amplia o medo do outro e foi potencializado na sociedade da plataforma, que se informava principalmente pelo Facebook, como dissemos.

Mas o “novo vírus chinês colocava a Ásia em alerta e países reforçavam o controle sanitário para evitar a propagação da doença, como mostra postagem de matéria da ElsevierBR (2020), com 334 reações, 205 comentários e 222 compartilhamentos, também parte do cluster roxo. “O número de infectados disparou em Wuhan” e três pessoas já tinham morrido com febre e dificuldades respiratórias, também em 20 de janeiro de 2020, como informava a postagem com link para a matéria.

Nos comentários, usuários apontavam como culpados os hábitos alimentares dos chineses: “comem carne de cachorro”, “tem que educar a alimentação. Comem coisas nojentas”, “é sopa de morcego que estavam comendo”, que vão despontar em narrativas sobre a Covid-19. Como dissemos, a metáfora do “vírus chinês” se alimentou de sinofobia já existente no imaginário sobre a China.

Nesse período, 20 a 29 de janeiro de 2020, a narrativa predominante era a da imprensa tradicional, com os meios se repetindo com reportagens que transmitiam um tom de mistério, ajudando a propagar o afeto medo. Medo do outro, do estrangeiro, medo do “vírus chinês”.

A chegada do risco iminente no Brasil é representada no grafo na cor laranja (37,22%). As palavras (nós) de maior destaque são saúde, sintomas, país, ministério, paciente, Brasil, disse, oms, que remetem ao anúncio do primeiro caso suspeito no Brasil, como podemos observar no grafo (Figura 3). A palavra disse nos remete aos textos jornalísticos em que ela é comumente empregada para destacar a fala de algum entrevistado. Neste caso, o então ministro da Saúde no Brasil, Luiz Henrique Mandetta. Outros casos suspeitos são anunciados em São Leopoldo, Mogi das Cruzes, entre outros.

No mesmo cluster laranja, há reportagem da Rádio CBN dizendo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estuda decretar estado de emergência, em 23 de janeiro de 2020 (CBN, 2020). Também faz parte desse cluster as narrativas sobre brasileiros isolados em Wuhan, na China, no “epicentro do coronavírus”. Reportagem do programa de TV Domingo Espetacular, postada na página oficial do programa no Facebook, é a segunda postagem com mais repercussão no *dataset* de janeiro, com 51.409 interações, trazendo conversa com brasileiros isolados na China.. Eles pedem ajuda ao Itamaraty para sair de Wuhan (Domingo Espetacular, 2020).

Em 28 de janeiro de 2020, o então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, confirma um caso suspeito de Covid-19, em Minas Gerais. A paciente era uma jovem de 22 anos, que tinha viajado para Wuhan, na China, e estava com sintomas da doença, em isolamento. Pessoas próximas a ela também estavam em observação. A narrativa faz parte do cluster laranja. A notícia foi dada pela imprensa, como Rádio CBN, Carta Capital, Correio Braziliense, Uol e Agência Brasil, e também em páginas e perfis públicos, como Gardenal, Senhora Rivotril e a influenciadora digital bolsonarista Karol Eller.

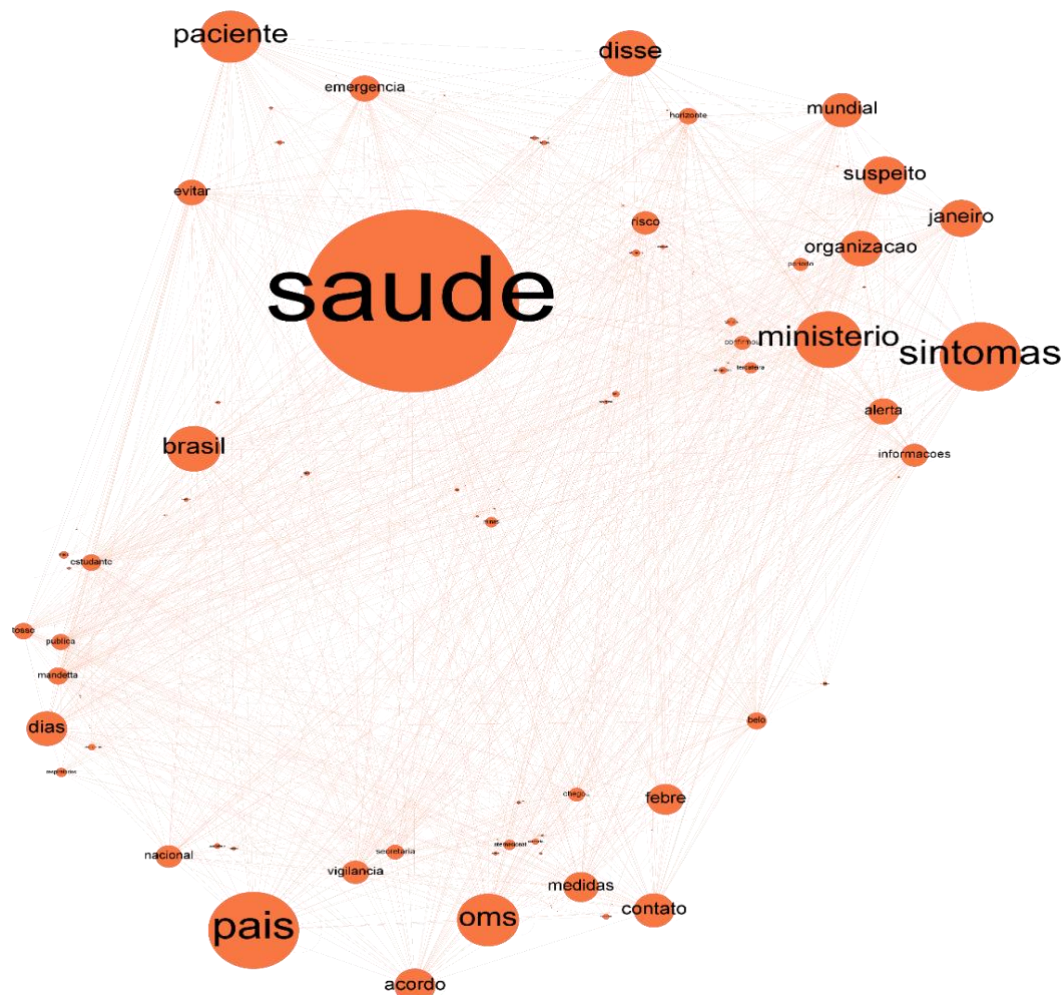
Destaco essa última. Como aliado de Trump, que teme o poderio econômico da China, Bolsonaro e seus apoiadores engrossaram o coro de sinofobia e ajudaram a propagar narrativas sobre a suposta sopa de morcego. Essas páginas, como dissemos, representam 10% do conteúdo que mais circulou no *dataset* estudado.

A postagem da rádio CBN (2020b) sobre o caso suspeito teve 3,1 mil reações, 463 comentários e 9,7 mil compartilhamentos. Um dos comentários, com 79 reações, diz: “o vírus já está circulando entre nós, pois essa jovem não veio sozinha da china no avião, a tripulação e os passageiros que vieram com ela tiveram contato e podem estar contaminados espalhando o vírus no Brasil. É meio paranóico mas é real”.

As palavras de mais destaque no grafo a seguir são as que mais se repetiram no cluster: saúde, país, sintomas, Brasil, ministério, paciente, OMS, dias, disse, janeiro, acordo, mundial, contato, organização, medidas, febre, alerta, evitar, tosse e emergência.

Novamente, o afeto medo é propagado com a iminência da nova doença chegar ao Brasil e a possibilidade do vírus já estar circulando no Brasil. A paciente com suspeita de Covid-19 estava no epicentro do surto e a imprensa destacava isso, novamente ajudando a propagar a metáfora do “vírus chinês”, que agora poderia infectar os brasileiros.

Figura 3 - Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de janeiro de 2020.

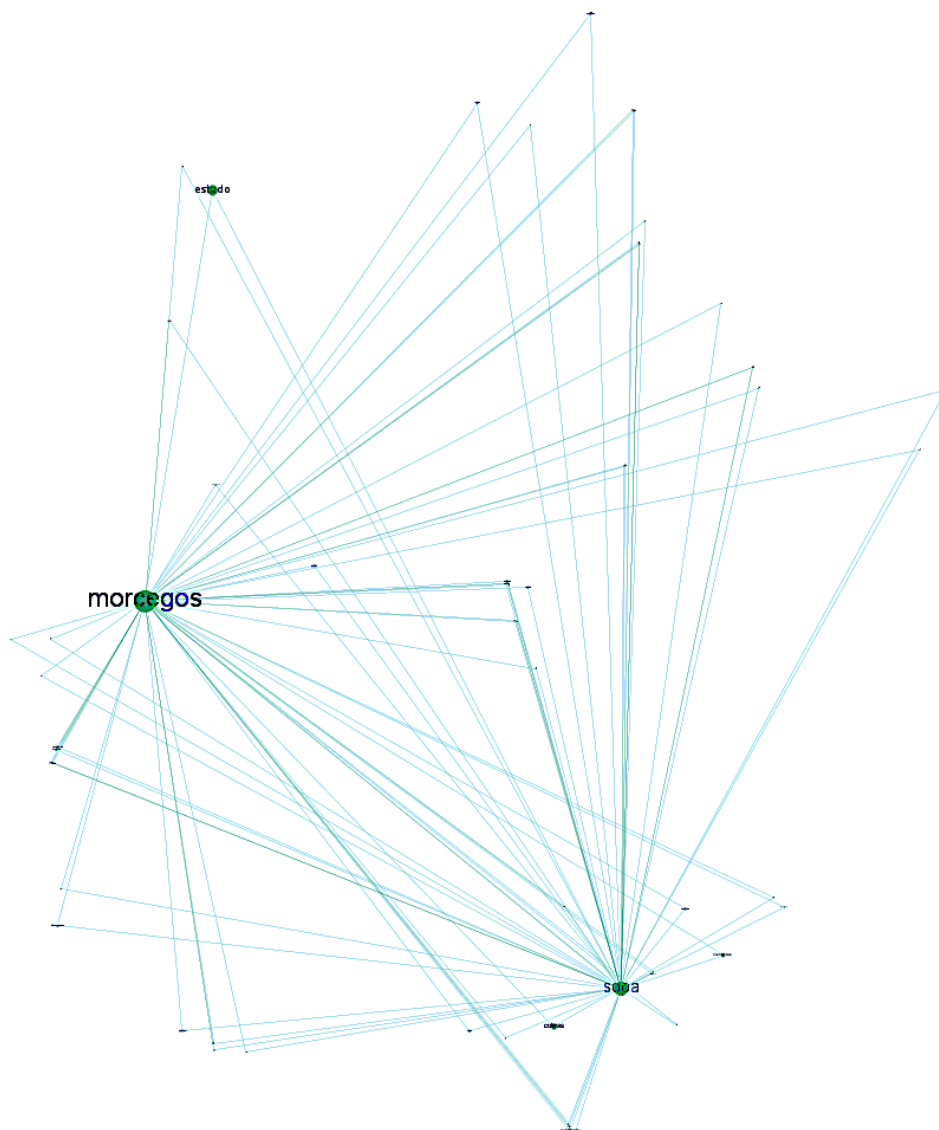


Fonte: Grafo de palavras gerado no Gephi, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no CrowdTangle.

Já o cluster verde (17,62%) tem o menor número de postagens, mas apresenta muitas interações. As palavras de maior destaque são morcegos, humanos, surgiu, sopa, como observamos no grafo (Figura 4). Trata-se de desinformação sobre a sopa de morcego, suposta iguaria chinesa que teria causado o surgimento do novo coronavírus.

No grafo, as palavras que têm mais destaque são morcegos, sopa e estudos.

Figura 4 - Grafo de rede de palavras, do cluster verde, do dataset de janeiro de 2020.



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

Como em outras epidemias do mundo, o medo do estrangeiro se afluou. Com o novo coronavírus, repetiu-se o ocorrido na Europa medieval, assolada pelas pestes, quando a população buscava culpados, como estrangeiros (Delumau, 2009). A tuberculose, no século XIX, por exemplo, era doença desconhecida, sem tratamentos eficazes e rodeada de temores (Sontag, 1988), como ocorre no século XXI, com a Covid-19.

Na eclosão da Covid-19, os chineses foram culpabilizados pelo surgimento da doença por causa dos hábitos alimentares estranhos e o sentimento anti-China foi alimentado pela imprensa, que em vez de apurar antes de divulgar, obedecendo aos preceitos do jornalismo profissional (Traquina, 2005), embarcou nas narrativas propagadas no Facebook. Novamente, a imprensa ajudou a fomentar a sinofobia e a disseminar a metáfora sobre os hábitos alimentares estranhos dos chineses, o que inferioriza o país diante do Ocidente.

A falsa narrativa dizia que a sopa de morcego, “muito popular e consumida em Wuhan, na China”, que poderia ter disseminado a Covid-19 entre humanos. Um vídeo mostrando uma jovem degustando a sopa ganhou variadas reportagens na imprensa tradicional, como no jornal goiano O Popular (2020), a partir de 23 de janeiro de 2020, e também circulou em páginas de humor. Em uma delas, a Contenido Cochino, página de humor, em língua espanhola, chegou a ter mais de 12 mil compartilhamentos, duas mil reações e 120 comentários, figurando entre os sete conteúdos com mais engajamento no período estudado (Contenido Cochino, 2020). Dessa forma, a imprensa tradicional contribuiu para fomentar o medo e o sentimento anti-China.

Quatro dias depois, estudante brasileiro que mora em Wuhan diz “nunca vi a sopa de morcego”, alertando que a alimentação na China é estereotipada, como mostram reportagem da Carta Capital (2020). Em 28 de janeiro de 2020, a página do Boatos.org, no Facebook, publica informação de que “a tal sopa de morcego não é a causa do coronavírus. Vídeo não é recente e não foi gravado em Wuhan ou China”.

O engajamento na postagem tem apenas 101 reações, 12 comentários e 79 compartilhamentos, números bem abaixo do que o conquistado pela história falsa. O vídeo que mostra uma jovem degustando a sopa de morcego, na verdade, foi feito pela influenciadora digital Wang Mengyun, em 2016, em Palau, uma ilha da Micronésia. Em seu canal de viagens na internet, Wang mostrava o estilo de vida das pessoas, em diferentes lugares do mundo. Com o impacto negativo do vídeo em todo o mundo, a jovem foi atacada virtualmente e chegou a receber ameaça de morte. Ela se desculpou, disse que não deveria comer morcegos e explicou que o consumo de morcegos está relacionado “à culinária local de Palau e não tem nada a ver com Wuhan ou com o Coronavírus” (Boatos.org, 2020).

A própria Wang disse que o vídeo foi sequestrado por contas de mídias sociais digitais para propagar desinformação sobre a Covid-19 e espalhar o pânico. Os conteúdos que a relacionam a sopa de morcego com o surgimento da Covid-19 em humanos seguem no Facebook sem nenhum tipo de selo que alerte sobre a informação falsa.

A Covid-19 se espalhava e a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretava emergência de saúde pública de importância internacional, em 30 de janeiro de 2020, quando já se somavam 7.834 casos confirmados, 99% desses na China. Na época, ao todo, 170 pessoas já tinham morrido em decorrência da doença, todas na China, mas a Covid-19 já estava em 18 países (Paho, 2020). A noção de risco estava presente e escancarava como a globalização traz a expansão dos eventos contingentes que afetam a todos (Giddens, p. 1991).

Havia a preocupação de o vírus se propagar em países com sistemas de saúde mais precários. Mesmo assim, a OMS não limitou o comércio e o movimento de pessoas, todavia conclamou a união das nações para o desenvolvimento de diagnósticos, vacinas, combate à desinformação, apoio aos países

com sistema de saúde mais fraco, trabalho conjunto para avaliar recursos necessários para evitar a transmissão e compartilhamento de informações e experiências. A leitura do dataset, inclusive a dos comentários das 150 postagens com mais interações, confirma a análise de rede via grafo e nos traz uma análise qualitativa das narrativas que mais circularam no período.

Em 30 de janeiro de 2020, 170 pessoas já tinham morrido pela doença, todas na China, deixando o mundo em alerta e as pessoas cara a cara com o “medo original, o medo da morte” (Bauman, 2012).

Considerações finais

O surgimento de uma doença, como tuberculose, câncer, Aids, faz surgir metáforas, estereótipos e todo um léxico sobre a enfermidade (Sontag, 1988). Para Sontag (1988), “a doença não é uma metáfora”, mas, ao mesmo tempo, observa que é quase impossível o doente não ter sido influenciado anteriormente pelas metáforas que rondam as enfermidades e os discursos que culpabilizam os pacientes pelas suas patologias.

Dessa forma, este artigo buscou cartografar as metáforas da doença (Sontag, 1988), a partir das narrativas na timeline discursiva, analisando os atores e as narrativas que mais circularam na eclosão da Covid-19, no Brasil, em 2020. Para isso, coletamos na ferramenta CrowdTangle as palavras “China and Wuhan”, em páginas públicas, grupos públicos, perfis verificados e contas públicas influentes no Facebook, de 20 a 29 de janeiro de 2020, período de reverberação do surto da doença em Wuhan, na China. O Facebook foi a plataforma escolhida por ter sido a mais usada pelos brasileiros em 2020, segundo a Digital News Report 2020.

Como o medo foi afeto comum no surgimento de outras enfermidades, partimos do filósofo Espinosa (1632-1677), que define afetos como algo natural aos seres humanos, “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Espinosa, 2016, p. 49), afetando e sendo afetado.

Para Espinosa (2016), o medo é um afeto derivado da tristeza, oposto e interdependente da esperança. O afeto medo refreia, reduz a potência de agir do corpo. Com medo, o ser humano se deixa dominar pela superstição, é afeito às coisas incertas, como ocorreu na genealogia de doenças como tuberculose, câncer, Aids e Covid-19. Discutimos o medo ao longo da história e mostramos que, se na Idade Média, as pessoas atribuíam aos deuses e espíritos os males do mundo, na contemporaneidade tem-se medo da própria modernização e progresso, cujas consequências são radicalizadas e universalizadas. O medo se tornou o medo do próprio homem” (Delumau, 2007, p. 42), o medo do outro, o medo mais cultural que fragiliza indivíduos e coletividades.

Uma das formas de propagar o medo é por meio de narrativas nas plataformas de mídias sociais, cujos algoritmos ampliam a visibilidade das postagens com mais interações, ou seja, com mais popularidade.

No período estudado, percebemos que as narrativas com mais engajamento foram as da imprensa tradicional (50%), que informavam sobre a nova doença e destacavam a localidade da origem do surto: Wuhan, na China. Isso ajudou a propagar a metáfora do “vírus chinês”. A timeline discursiva de janeiro de 2020 se desloca entre a eclosão da doença, as ações para seu enfrentamento e até mesmo a desinformação sobre a sopa de morcego, que culpabiliza o surgimento da doença por causa do hábito alimentar estranho dos chineses.

Assim, pudemos notar o medo do outro, dos chineses, o medo do novo vírus, como afeto comum circulando por causa das reportagens que davam o tom de mistério, destacava a localidade do início do surto. No período, a imprensa profissional falhou porque vários veículos de comunicação embarcaram na desinformação sobre a sopa de morcego ser possível causa do surgimento da Covid-19. Na falsa narrativa, a iguaria seria comum na China, o que levou a timeline discursiva no Facebook a culpabilizar os estranhos hábitos alimentares da China para o surgimento da Covid-19. Faltou apuração antes da divulgação, como manda os preceitos do jornalismo profissional. páginas de humor e influenciadores digitais bolsonaristas, por exemplo, também publicaram essa teoria da conspiração.

Dessa forma, as metáforas da doença que surgiram em janeiro de 2020 eram as narrativas que apontavam para o surgimento de um vírus misterioso, o “vírus chinês”, que podia estar correlacionado aos hábitos alimentícios estranhos do país. A exemplo de outras epidemias no mundo, o medo do estrangeiro aflorou. O sentimento anti-China foi ampliado na sociedade da plataforma já no primeiro mês da propagação da Covid-19 no mundo, alimentado pela sinofobia já existente, que inferioriza o país frente ao Ocidente.

Referências Bibliográficas

- Aggio, C. (2021) Teorias conspiratórias, verdade e democracia. In: Alzamora, G, Mendes, C. M., Ribeiro, D. M. (Orgs). *Sociedade da desinformação e infodemia*. (pp. 63-86). Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG. Retrieved from <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sociedade-da-desinformacao-e-infodemia/>.
- Bauman, Z. (2012). *Medo Líquido*. 1 ed., Rio de Janeiro, Zahar.
- Beck, U. (1997). A reinvenção da política. In: U. BECK, A. GIDDENS, S. LASH. *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. (pp. 11-71). São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Beck, U. (2011). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo, Editora 34.
- Beck, U. (2006). *Incertezas fabricadas*. Unisinos, São Leopoldo, IHU Online.
- Benkler, Y, Faris, R, Roberts, H. (2018). Epistemic Crisis. In: Benkler, Y, Faris, R, Roberts, H. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics*. New York: Oxford University Press.
- Bessa, M. S. (1997). *Histórias positivas*. Rio de Janeiro: Record.
- Bessa, M. S. (2002). *Os perigosos: autobiografia & AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Bleakley, W. (2020). *Learn more about CrowdTangle*. Retrieved from <https://help.crowdtangle.com/en/articles/4201940-about-us>.
- Boatos.org. (2020). A tal sopa de morcego não é a causa do Coronavírus. Retrieved from <https://www.facebook.com/Boatos.org/posts/1511172672363465>.
- Carta Capital. (2020). “Nunca vi a sopa de morcego”, diz brasileiro em Wuhan, foco de novo coronavírus. Retrieved from <https://www.facebook.com/CartaCapital/posts/2991817930839601>.
- CBN. (2020). OMS decide nesta quinta se decreta emergência global. Retrieved from <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/288870/oms-decide-nesta-quinta-se-decreta-emergencia-glob.htm>.
- CBN. (2020b). Ministério da Saúde confirma caso suspeito de coronavirus em MG e eleva nível de alerta para iminente. Retrieved from <https://www.facebook.com/radiocbn/posts/2867953696584323>.
- Contenido Cochino. (2020). Sopa de murciélago pudo ser la causa del coronavirus en China. Retrieved from <https://www.facebook.com/contenidocochino1/posts/2668921216556895>.
- Delumau, J. (2007). Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, A. *Ensaio sobre o medo*. (pp. 39-52). São Paulo, Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

- Delumeau, J. (2009). *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Delumeau, J. (2006). Uma história do medo. *IHU Online*. São Leopoldo, Unisinos.
- Digital News Report. (2020). Reuters Institute. Retrieved from https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/202006/DNR_2020_FINAL.pdf.
- Domingo Espetacular. (2020). Domingo Espetacular conversa com brasileiros isolados na China. Retrieved from <https://www.facebook.com/watch/?v=199922587859459>.
- Elsevierbr. (2020). O número de infectados disparou em Wuhan. Retrieved from <https://www.facebook.com/elsevierbr/posts/2870776199653164>.
- Espinosa, B. (2016). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Febvre, L. (2009). *O problema da incredulidade do século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora UNESP.
- Horton, R. (2020). *Official: COVID-19 and the dangers of Sinophobia*. *The Lancet*, v. 396.
- Jaworsky, B. N.; Qiaoan, R. (2020). The Politics of Blaming: the Narrative Battle between China and the US over Covid-19. *Journal of Chinese Political Science*.
- Lagrange, H. (1996). *La Civilité à l'épreuve. Crime et sentiment d'insécurité*. PUF.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba.
- Malini, F., Cavalcanti, C.R., Bergami, A.P.M.C.; Venturott, L.I., Bastos, M.T. (2020). Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. *Revista UFG*. v.20, n. 26, 1-29.
- Marshall, J. P. (2017). Disinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*, v. 9, n. 2, 1-24.
- Neiman, S. (2003). *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*. Rio de Janeiro, DIFEL.
- O Globo. (2020). Coronavírus faz China construir hospital com mil leitos em menos de uma semana. Retrieved from <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3325814330791556>.
- Oliveira, H. A. (2016). Brasil-China: uma parceria predatória ou cooperativa? *Revista Tempo do mundo*. v. 2. n. 1.
- O Popular (2020). Sopa de morcego. Retrieved from <https://www.facebook.com/opopular/posts/10158277717738313>.
- Paho (Pan American Health Organization). (2020). OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Retrieved from

<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>.

- Ribeiro, D., Paes, F. (2021). Verdade e crença sob a perspectiva do pragmatismo: contribuições para o debate sobre a desinformação científica. In: Alzamora, G, MENDES, C., Ribeiro, D. (Orgs). *Sociedade da desinformação e infodemia*. (pp. 87-112). Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG. Retrieved from <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sociedade-da-desinformacao-e-infodemia/>.
- Santos, B.S. (2021). *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. 1 ed. São Paulo, Boitempo,
- Sacramento, I., Monari, A.; Chen, X. (2020). O vírus do morcego: fake News e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, 82-98.
- Schild, L., Ling, C., Blackburn, J., Stringhini, G., Zhang, Y., Zannettou, S. (2020). *Go eat a bat, Chang!: An Early Look on Emergence of Sinophobic Behavior on Web Communities in the Face of Covid-19*. Arxiv.
- Sontag, S. (1988). *Doença como metáfora: aids e suas metáforas*. São Paulo, Companhia de Bolso.
- Traquina, N. (2005). Teorias do Jornalismo. *A tribo jornalística - uma comunidade interpretative transnacional*. Florianópolis: Insular.
- Urbano, K, Araujo, M, Melo, M. (2020). *Orientalismo em tempos de pandemia: discursos sobre a China no jornalismo brasileiro*. Rizoma, v. 8, n.1,106-122
- Uscinski, J. (2020). What Is a Conspiracy Theory? In: Uscinski, Joseph E. *Conspiracy Theories: A Primer*. London: Rowman & Littlefield.
- Van Dijck, J., Poell, T., Waal, Martijn de. (2018). *The platform society: Public Values in a Connective World*. New York: Oxford University Press.
- Van Dijck, J., Poell, T. (2013). Understanding social media logic. *Media and Communication*, Lisboa, v. 1, n. 1, 2-14.
- Venturini, T. (2010). *Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory*. Public understanding of science, v. 19, n. 3, 258-273.
- Wolff, F. (2007). *Devemos temer a morte?* In: NOVAES, A. Ensaio sobre o medo. (pp. 17-38). São Paulo, Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo.